



**Universidade de Brasília - UnB
Faculdade UnB Planaltina - FUP
Licenciatura em Educação do Campo - LEdoC**

**UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA DA FOLIA DO DIVINO EM NOVA BETÂNIA,
SÃO SEBASTIÃO - DF.**

ANDREIA PRISCILA BORGES COSTA

BRASÍLIA, DF
JUNHO 2022

**UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA DA FOLIA DO DIVINO EM NOVA BETÂNIA,
SÃO SEBASTIÃO - DF.**

Aprovada em 15 de junho de 2022

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Djiby Mané - (Orientador)
Universidade de Brasília - UnB.

Prof. Dr^a. Ana Cotrim Aguiar (Examinadora)
Universidade de Brasília (UnB)

Prof. Dr^a. Maria Ozanette de Medeiros (Examinadora)
Universidade de Brasília (UnB)

Planaltina-DF
2022

Dedico esse trabalho e toda minha trajetória na universidade a minha avó Helena, professora da zona rural, que me alfabetizou. Mulher sábia, de fibra, guerreira, poetisa e cordelista. Obrigada vovó por todas as entrevistas que me concedeu de forma amorosa, por me relatar um pouco da sua linda história de vida. Infelizmente sua jornada na terra terminou, mas a sua história estará para sempre registrada em meus trabalhos, na minha memória e no meu coração. A Covid-19 não permitiu que a senhora estivesse presencialmente aqui nesse momento, mas tenho certeza de que aí de onde está, vibra por essa conquista. A senhora foi e sempre será minha inspiração.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao Divino Espírito Santo, por ter me iluminado e dado sabedoria durante todo o processo de construção desse TCC, por me dar muito mais do que eu mereço e por estar sempre presente em minha vida.

Ao professor Djiby Mané, que me orientou pacientemente, por compartilhar comigo toda sua sabedoria e por ser para mim um exemplo de profissional.

Aos meus pais Leopoldo e Sueli, especialmente a minha mãe que desde o início dessa jornada me apoiou, incentivou e acreditou na minha capacidade. Que vibra a cada conquista minha, que cuidou da minha filha com amor e dedicação para que eu me sentisse mais segura em me ausentar no Tempo Universidade. Mãe, sem seu apoio eu não teria chegado ao ponto final dessa caminhada.

Às minhas irmãs, Adélia, Adrielle e Alinne, por todo apoio e incentivo.

Aos meus filhos Manuela e Matheus Filho, que são o principal motivo de eu nunca ter desistido.

Ao meu esposo Matheus, por toda paciência nos meus momentos de ansiedade, *stress* e principalmente na minha ausência durante o Tempo Universidade.

Aos foliões da X- Maria que me acolheram durante esta pesquisa, e me receberam com carinho em suas casas, colocando-se sempre à disposição todas as vezes que precisei.

Aos meus colegas do curso de Licenciatura em Educação do Campo. Principalmente às amigas/irmãs que a universidade me presenteou, Ana Cláudia, Ana Lêda, Sidlene Trindade e Kamilla Torres, que sempre me apoiaram, incentivaram e que agora fazem parte da minha vida.

Às queridas professoras Osanette e Ana Cotrim pelas contribuições na qualificação deste trabalho.

RESUMO

Este trabalho se propôs a analisar as variações linguísticas presentes na Folia do Divino, realizada pelo grupo de foliões da X- Maria em Nova Betânia, São Sebastião-DF. A metodologia adotada foi pautada na abordagem qualitativa e na pesquisa etnográfica com foco nas produções orais dos foliões especialmente nos cantos e rezas durante os giros de folia. Para compor o *corpus* deste trabalho, coletamos dados com os integrantes da folia por meio de entrevistas, conversas informais, questionário, observação participante e gravações de áudio durante os giros de folia. Para fundamentar esta pesquisa recorreremos a autores que abordam a concepção de língua e linguagem tais como, Lyons (1987), Gnerre (1991), Saussure (2004) e Chomsky; sobre a variação linguística Bortoni-Ricardo (2004) e Bagno (2007); e Calvet (2002), sobre contato de línguas. Por meio desta pesquisa identificamos fatores que influenciam nas variações linguísticas relacionados à identidade cultural, nível de conhecimento da língua portuguesa padrão, contexto, cultura e transformações da língua.

Palavras-chave: Análise. Sociolinguística. Folia do Divino.

ABSTRACT

This work aimed to analyze the linguistic variations present in the Folia do Divino, carried out by the group of revelers of X-Maria in Nova Betânia, São Sebastião-DF. The methodology adopted was based on a qualitative approach and on ethnographic research focusing on the oral productions of the revelers, especially in the songs and prayers during the revelry tours. To compose the *corpus* of this work, we collected data with the members of the revelry through interviews, informal conversations, questionnaire, participant observation and audio recordings during the revelry tours. To support this research, we resort to authors who approach the conception of language and language such as Lyons (1987), Gnerre (1991), Saussure (2004) and Chomsky; on linguistic variation Bortoni-Ricardo (2004) and Bagno (2007); and Calvet (2002), on language contact. Through this research we identified factors that influence linguistic variations related to cultural identity, level of knowledge of the standard Portuguese language, context, culture and language transformations.

Keywords: Analysis. sociolinguistics. Folia do Divino.

Sumário

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1	10
1.1 Linguagem e língua	10
1.2 Variação linguística	12
1.3 O poder da linguagem na sociedade	15
1.4 Contato de línguas na formação da comunidade	17
CAPÍTULO 2	19
2.1. Caracterização da pesquisa	19
2.2. Contexto da pesquisa	20
2.3. Origem da Folia	22
2.4. População	29
2.5. Instrumentos de coleta dos dados	30
2.6. Procedimentos para a coleta dos dados	32
CAPÍTULO 3	34
3.1. Alguns relatos do trabalho de campo	34
3.2. Análise do questionário	35
3.3 Análise sociolinguística de ladainhas	41
CONCLUSÃO	45
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	47

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa é uma análise sociolinguística da Folia do Divino Espírito Santo e busca entender quais fatores influenciam as variedades linguísticas durante a celebração no grupo de foliões da X- Maria. A Folia do Divino Espírito Santo é uma manifestação religiosa vinculada à igreja católica, que acontece tradicionalmente na zona rural de algumas regiões brasileiras e se expande para áreas urbanas. Trazida para o Brasil pelos colonizadores, a tradicional Folia do Divino reúne dezenas de fiéis que expressam sua fé por meio de cantos e rezas.

Este estudo se concentra na folia do Divino no meio rural e no grupo de foliões da X- Maria. Essa festa representa a cultura do Núcleo Rural de Nova Betânia que todos os anos se reúne para celebrar o Divino Espírito Santo. A folia do Divino é composta por ritos que vão desde a chegada dos foliões, o canto no altar e o agradecimento na mesa, em todos eles os foliões cantam e rezam com devoção. Esse momento cultural tem uma linguagem particular que é mescla do português rural e latim. Nessa pesquisa tratamos da língua falada durante a Folia do Divino Espírito no intuito de entender as variações da língua presentes nessa manifestação cultural. A escolha deste tema se deu devido a minha participação nas folias desde criança e o meu encantamento pela rezas e cantos. As rezas e cantos são uma manifestação de devoção ao Divino Espírito Santo, transmitidas oralmente de geração em geração. Devido ao meu interesse em entender algumas palavras que eram ditas nesse momento, vi no meu trabalho de conclusão de curso a oportunidade de realizar uma pesquisa que objetiva analisar por meio das ferramentas da sociolinguística as produções orais dos foliões.

No que diz respeito à metodologia realizamos uma pesquisa com abordagem qualitativa e recorreremos também à pesquisa etnográfica objetivando investigar os indivíduos em seu ambiente. Para isso, coletamos dados durante os giros de folia e entrevistas com foliões e devotos do Divino Espírito Santo e buscamos investigar para entender e analisar as variações presentes nos discursos proferidos nessa festa.

Qualquer comunidade usa variedades linguísticas. A diversidade existente em uma mesma língua acontece devido a diversos fatores, seja por questões geográficas, temporal, social, situacional ou ainda por variações existentes entre fala e escrita. O grupo de foliões da X- Maria está inserido em uma comunidade rural, que tem uma linguagem menos monitorada e que, por se tratar de pessoas de diversas regiões,

carregam traços de várias culturas. O grupo tem também uma linguagem peculiar repleta de elementos antigos da língua. A diversidade de culturas é outro fator que influencia na língua falada na comunidade de Nova Betânia e no grupo de foliões da X- Maria. A análise dos dados foi fundamentada em autores como: Lyons (1987), Gnerre (1991), Saussure (2004), Chomsky (1957), Bortoni-Ricardo (2004), Bagno (2007) e Calvet (2002).

Este trabalho está dividido em três capítulos, além da introdução e conclusão. No primeiro capítulo apresentamos o referencial teórico que fundamentou a nossa pesquisa. No tocante ao segundo, descrevemos a metodologia que foi usada no trabalho, a caracterização da pesquisa, o contexto em que fazemos uma breve apresentação da região onde a pesquisa foi realizada, assim como a população dessa região. Já no terceiro capítulo descrevemos como foi observação de campo de pesquisa, analisamos o questionário aplicado aos entrevistados e os dados coletados, além da apresentação dos resultados da pesquisa.

CAPÍTULO 1 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, pretendemos apresentar os teóricos que fundamentarão a nossa análise na terceira parte deste trabalho. Tratam-se de Lyons (1987), Gnerre (1991), Saussure (2004) e Chomsky (1957) sobre a concepção de língua e linguagem, Bortoni-Ricardo (2004) e Bagno (2007), sobre variação linguística e Calvet (2002) sobre contato de línguas.

1.1 Linguagem e língua

A linguagem é tão familiar para nós, já que a usamos constantemente, sem fazer perguntas sobre ela, por acharmos que sabemos como ela funciona. Com nossa experiência cotidiana com a linguagem, a usamos em português, espanhol, inglês, matemática sem pensar no porquê ou na legitimidade do que fazemos.

A linguagem é muitas vezes, confundida com língua, isto é, para o leigo, os dois termos são sinônimos. Em seu livro *Língua(gem): uma introdução*, Lyons (1987) faz a seguinte pergunta: *What's language?* Essa pergunta pode traduzida para o português (O que é língua? / O que é linguagem?), francês (*Qu'est-ce que la langue? / Qu'est-ce que le langage?*) e espanhol (*¿Qué es el lenguaje? / ¿Qué es la lengua?*). Para essas línguas românicas, percebe-se que a palavra '*language*' tem duplo sentido, podendo significar 'língua' ou 'linguagem'. Contrariamente a essas línguas que apresentam duas palavras para a mesma palavra '*language*', o inglês usa apenas a palavra '*language*' que pode significar 'língua' ou 'linguagem', em função do contexto.

Afinal, o que é linguagem? Para Lyons (1987, p. 3) *apud* Sapir (1929, p. 8), "A linguagem é um método puramente humano e não instintivo de se comunicarem ideias, emoções e desejos por meio de símbolos voluntariamente produzidos".

A **linguagem** designa a habilidade que permite a cada um de nós se comunicar e interagir com outros homens. É uma habilidade universal e inata no homem. Ao contrário das onomatopeias (**Buaaaaa, TrimmMMM**), a linguagem é um sistema organizado onde cada elemento ocupa um lugar preciso. Embora também falemos de linguagem de computador ou linguagem de abelha, elas não devem ser confundidas com a linguagem humana. Na verdade, a linguagem humana tem suas próprias características. Ela possui uma criatividade extremamente desenvolvida, pois a partir

de um número limitado de sons e palavras, cada um de nós pode expressar um número infinito de mensagens, como podemos ver em Chomsky (1957, p. 13): “Doravante considerarei uma linguagem como um conjunto (finito ou infinito) de sentenças, cada uma finita em comprimento e construída a partir de um conjunto finito de elementos”.

A **linguagem** é o conjunto de sinais vocais que produzimos ao falar e que permitem a uma pessoa expressar um pensamento. Ela é, portanto, todos os signos e palavras que constituem uma língua. Não falamos, portanto, de “linguagem” portuguesa, espanhola ou inglesa, mas sim de língua. Por outro lado, a **linguagem** diz respeito às palavras que compõem uma língua, a escolha das mesmas, a forma de usá-las, o tom com que as usamos etc.

Por sua vez, a **língua** é um modo de expressão específico de uma comunidade. Pessoas que falam a mesma língua formam uma **comunidade linguística**. Todas as pessoas nesta comunidade, grupo ou coletivo usam o mesmo veículo para se comunicarem. Ela é geralmente associada a uma nação ou realidade geopolítica. Por exemplo, os brasileiros usam a língua portuguesa, compartilhada por todos os membros da CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa).

A **língua** não deve ser confundida com a **linguagem**, embora seja uma parte essencial dela. É um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. Vista como um todo, a linguagem é multifacetada e heterogênea (Saussure, 2004).

Mas o que é língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. Tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; a cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica (...). (SAUSSURE, 2004, p. 17)

A **língua** é uma convenção. É a parte social da **linguagem**, externa ao indivíduo. Só existe em virtude de algum tipo de contrato entre membros da comunidade. É uma instituição social. Por outro lado, o indivíduo precisa aprender a conhecer o jogo. Ao contrário da linguagem, a língua é um todo em si mesma e um

princípio de classificação. É um objeto bem definido no heterogêneo conjunto de fatos linguísticos. Afinal, a heterogeneidade linguística é uma ficção ou uma realidade?

1.2 Variação linguística

Partindo da dicotomia saussuriana de *langue* (língua) e *parole* (fala), a língua é um sistema abstrato, coletivo e internalizado no sistema cerebral dos membros de uma comunidade linguística. Afirmar que a heterogeneidade linguística é uma ficção consiste em abordar a língua do ponto de vista da homogeneidade, ou seja, da língua padrão, oficial e escrita. Mas, conforme o uso que fazemos dela por meio da *parole* (fala), podemos afirmar que a heterogeneidade linguística é uma realidade, isto é toda língua está sujeita a variações.

Qualquer comunidade linguística usa várias variedades linguísticas. Estudos sociolinguísticos mostram que não há sociedade que não tenha uma única variedade linguística; assim como não há ninguém que não domine uma variedade linguística. Assim, existem variações dentro de uma comunidade linguística, pois certas línguas são faladas por milhões de pessoas e em várias regiões geográficas, resultando em peculiaridades linguísticas. Por exemplo, entre falantes do português, podemos diferenciar pessoas que falam o português do Brasil, Cabo Verde, Portugal ou Timor Leste.

Podemos, portanto, dizer que o português é composto por diversas variedades linguísticas, subconjuntos de práticas linguísticas que podem ser observados em certos grupos de falantes (português popular, português brasileiro, gíria), em determinados momentos, (português clássico, português moderno) ou mesmo em contextos específicos (português padrão, português não padrão). Cada uma dessas variedades é caracterizada por traços distintos, embora compartilhe alguns pontos em comum com as outras variedades da mesma língua.

O português está, como todas as línguas modernas, sujeito a forças de diversificação, o que significa que seus falantes não falam todos exatamente da mesma maneira. Este fenômeno, conhecido como variação linguística, é uma prova da natureza eminentemente social da linguagem. De acordo com Bagno (2007):

Dizer que a língua apresenta variação significa dizer, mais uma vez, que ela é heterogênea. A grande mudança introduzida pela

Sociolinguística foi a concepção de língua como um “substantivo coletivo”: debaixo do guarda-chuva chamado LÍNGUA, no singular, se abrigam diversos conjuntos de realizações possíveis dos recursos expressivos que estão à disposição dos falantes (BAGNO, 2007, p. 39).

Quer seja português, inglês, espanhol ou francês, as línguas variam porque são usadas por uma série de falantes de múltiplas faixas e identidades. Isso quer dizer que a língua não é uma ferramenta de comunicação neutra: quem fala é imediatamente percebido como vindo de tal ou qual região, como pertencente a tal e tal faixa etária, como escolarizado ou não, etc.

O fenômeno da diversidade de usos dentro de uma mesma língua, no processo social de comunicação é evidente e se manifesta em vários níveis (Bagno, 2007): temporal (diacrônica), geolocalização ou geográfica (diatópica), social (diastrática, situacional (diafásica) e na relação entre língua falada e escrita (diamésica).

A primeira variação, temporal (ou **diacrônica**), está ligada à evolução das línguas ao longo do tempo. Por exemplo, se um neto (século 21) não entende algumas palavras usadas pela avó (século 20), é porque as palavras envelheceram hoje. Por outro lado, palavras como “farmácia”, “vossa mercê” não existem mais na ortografia do português sincrônico. Além disso, como o português é língua filha do latim, veremos na parte analítica deste trabalho que os cantórios da folia do Divino Espírito Santo em X-Maria estão repletos de palavras latinas.

A variação da língua no espaço constitui o segundo tipo de variação, qualificada como geográfica (ou **diatópica**). É a variedade linguística espacial e regional (como, por exemplo, as variedades de português faladas em Angola, Brasil, Cabo Verde), que são conhecidas como dialetos e regioletos. De fato, a mesma realidade pode ser designada de forma diferente de acordo com os diferentes países da lusofonia (os brasileiros falam “trem”, enquanto os portugueses usam a palavra “comboio”). Da mesma forma que uma palavra pode mudar seu significado de uma região para outra, como por exemplo, “mandioca”, “aipim” ou “macaxeira”.

O terceiro tipo de variação é chamado de variação social (ou **diastrática**). É este fenômeno que explica por que a língua muda de acordo com o meio social ao qual o falante pertence (sua classe social, seu grupo profissional, seu gênero, etc.). Em outras palavras, a variação diastrática é a variedade linguística de acordo com o nível social e demográfico (como a língua dos jovens / idosos, rural / urbano, diferentes profissões, diferentes níveis de escolarização ...). Nesse caso, temos o chamado

socioleto (variação relacionada à posição social) e tecnoleto (variação relacionada à profissão ou especialidade). A ausência da marca do plural em alguns elementos da frase (*Os minin chegô da escola*) é um exemplo característico do nível social ou de instrução.

No tocante à variação ligada ao nível social com ênfase na dicotomia rural / urbano, que mais tem a ver com o nosso trabalho, Bortoni-Ricardo (2004, p. 50) afirma que “[...] a variação linguística depende de fatores socioestruturais e de fatores sócio-funcionais”. A autora identifica três fatores que ela chama de *continuum*: o *continuum* de urbanização que compreende o polo rural e urbano e o *continuum* da monitoração estilística.

De acordo com Bortoni-Ricardo (2004), existem dois polos no *continuum* de urbanização, o rural e o urbano. Para a autora, devido a questões geográficas, a zona rural sofreu menos influência de codificação linguística, tanto na questão de padrão de escrita quanto na pronúncia, já nos falares urbanos fazia-se uso de um estilo mais monitorado da língua, por receberem maior influência dos processos de padronização da língua.

A Região de Nova Betânia se encaixa no polo rural. A linguagem utilizada pelos indivíduos dessa comunidade é um estilo menos monitorado e com grande diversidade de variações e culturas, especialmente nos giros de folia, durante os cantos e rezas. Nesses momentos é possível observar a grande variedade linguística, a fala peculiar do grupo e a conservação de elementos antigos da língua.

O conhecimento e os rituais das rezas são passados de geração para geração. As folias conservam elementos antigos da tradição como forma de pertencimento ao grupo. Notamos que no polo de urbanização predomina a cultura de um letramento caracterizado pelo uso da norma padrão (escrita, oralidade monitorada, enquanto no polo rural predomina a cultura de um letramento caracterizado pela língua não padrão (oralidade).

No que diz respeito ao terceiro *continuum*, a monitoração estilística, consiste em situar a interação. Por meio dele, é possível monitorar o estilo da linguagem e as informações que queremos transmitir.

A variação situacional, também chamada de variação estilística (ou **diafásica**), corresponde ao quarto e último tipo de variação. Com isso, queremos dizer que os falantes adaptam sua linguagem de acordo com a situação em que se encontram, de acordo com os interlocutores a quem se dirigem ou mesmo de acordo com o tema de

que falam. Palavras como “grana” (para dinheiro) ou “legal” (ótimo) de (legal de legalidade) são comuns na linguagem coloquial dos jovens, que, no entanto, as evitarão na linguagem padrão (escrita).

A reflexão sobre a variação também deve incluir a distinção essencial entre a linguagem falada e a escrita. Às vezes, referida como **variação diamésica**, este tipo de variação é geralmente associado à variação situacional, pois o meio escrito geralmente exige o uso de um registro mais cuidado. A existência de gêneros híbridos da escrita oral (noticiários ou discursos políticos, por exemplo) à transcrição oral (como bate-papo, *e-mails* ou *WhatsApp*), mostra que a relação entre padrão / escrita e coloquial / oralidade não é, no entanto, inequívoca.

A variação afeta todos os componentes da língua, sem exceção (Bagno, 2007). Ou seja, ela se manifesta em todos os níveis da linguagem: fônico (pronúncia), morfologia (estruturação das palavras), sintático (relações sintagmáticas e regência) e lexical (uso de palavras). No entanto, a influência é sentida em graus variados de um componente para outro. Assim, a pronúncia e o léxico são particularmente propensos a variar, conforme evidenciado por termos como o sotaque “traços de pronúncia do falante” ou jargão “modo de falar específico do grupo”. No caso do léxico, essa grande adaptabilidade é facilmente compreendida: a língua deve atender continuamente às novas necessidades de expressividade e designação, o que seus falantes fazem renovando os recursos lexicais. Por sua vez, a morfologia e a sintaxe de uma língua variam menos, o que não significa, entretanto, que sejam completamente imunes à variação.

1.3 O poder da linguagem na sociedade

A linguagem tem como função central a comunicação entre falante e ouvinte. O ato de falar possibilita que os sujeitos ocupem espaços na sociedade. De certo modo, o ato linguístico exerce uma influência no ambiente em que é proferido, como ressalta Gnerre (1991, p. 5): “As pessoas falam para serem “ouvidas”, às vezes para serem respeitadas e também para exercer uma influência no ambiente em que realizam os atos linguísticos”.

Com base nessa citação, o trecho “as pessoas falam para serem ouvidas” significa que pouco importa a modalidade linguística (padrão, não padrão, coloquial ou vulgar) utilizada, o essencial é haja comunicação entre emissor e receptor. Já no

trecho “às vezes para serem respeitadas e também para exercer uma influência no ambiente em que realizam os atos linguísticos”, fica evidente que o nosso domínio da norma padrão nos dá mais prestígio em uma comunidade.

Porém, nem todas as pessoas têm acesso à norma culta ou padrão da língua, por ser um sistema comunicativo que está ao alcance de uma minoria da sociedade devido a questões econômicas e sociais. De acordo com Gnerre (1991, p. 6),

“Somente uma parte dos integrantes das sociedades complexas, por exemplo, tem acesso a uma variedade “cultura” ou “padrão”, considerada geralmente “a língua”, e associada tipicamente a conteúdos de prestígio”.

A maioria dos sujeitos não têm acesso ou às vezes têm acesso reduzido à escola e às normas de fala ou escrita, e por muitas vezes são discriminados pelo modo de falar e escrever. Outro grande problema é a dificuldade que esses sujeitos encontram para compreender mensagens e conteúdo de nível mais elevado e na produção de mensagens. A norma culta ou padrão exerce uma função social, porém acaba excluindo da comunicação as variedades linguísticas.

Por mais que alguns sujeitos encontrem algumas dificuldades para a comunicação, todas as formas de linguagem exercem função social. Gnerre (1991) afirma que segundo os princípios democráticos não existe razão para nenhuma forma de discriminação, seja ela por questões de religião, política ou raça, porém existe uma brecha que se baseia nos critérios da linguagem e da educação. Nesse sentido para ele ressalta:

Como existe uma contradição de base entre a ideia fundamental da democracia, do valor intrinsecamente igual dos seres humanos, e a realidade na qual os indivíduos têm um valor social diferente, a língua, na sua versão de variedade normativa, vem a ser um instrumento central para reduzir tal conflito. (GNERRE, 1991, p. 25)

A discriminação linguística acontece devido à concepção de língua ser enfatizada em estruturas linguísticas derivada da tradição escrita. Desse modo, Gnerre (1991, p. 30) afirma: “[...] fatos como sotaque, prosódia e outras características menores não são considerados formalmente como parte da língua [...]”. Assim, a discriminação vai além do domínio e uso da gramática normativa.

1.4 Contato de línguas na formação da comunidade

Por muito tempo o conceito de comunidade esteve restrito à definição de um grupo de pessoas que vivem numa mesma área. Atualmente, o termo tem um caráter conceitual mais amplo. Ele pode se referir a um coletivo que compartilha algo em comum, como cultura, idioma, localização geográfica etc., linguisticamente conhecida como comunidade de fala. De acordo com Trask (2004, p. 61), uma comunidade de fala (*speech community*) é:

Um grupo de pessoas que interagem regularmente por meio da fala. Uma comunidade de fala pode ser grande ou pequena, e pode ser fortemente homogênea ou decididamente heterogênea. O que interessa é que cada pessoa que faz parte de uma comunidade de fala interage verbalmente com pelo menos algumas outras pessoas que dela também fazem parte, e 'a comunidade não pode ser cortada por fronteiras fortemente marcadas, por entre as quais a interação verbal acontece raramente ou não acontece nunca.

Os indivíduos que formam uma comunidade podem ser de diferentes culturas e essa diversidade acaba influenciando na língua falada pela comunidade, por não ser homogênea a língua se caracteriza justamente por sua variedade e possibilidades de mudança. A variedade linguística é um fenômeno comum que ocorre devido a diversos fatores, tanto por influências históricas quanto culturais. As variações que ocorrem na língua devem-se geralmente a necessidades comunicativas de pessoas em contato.

O contato de línguas é um contato de povos diferentes com suas respectivas línguas ou variedades linguísticas. Ele é comum ao longo da história em todo o mundo, como afirma Calvet (2002, p. 35): “o mundo é plurilíngue em cada um de seus pontos e que as comunidades linguísticas se costeiam, se superpõem continuamente”.

O contato entre as línguas está diretamente relacionado a variação linguística e ao empréstimo linguístico. Em outras palavras, o contato de línguas é um dos fatores explicativos para as variações observadas em uma língua.

De acordo com Calvet (2002), todos os falantes mesmo que não falem outra língua são mais ou menos plurilíngues, o que é reflexo do multiculturalismo, a inter-relação de diferentes culturas em um mesmo ambiente. O mesmo autor ressalta que [...] essas variações não são apenas linguísticas, elas têm ao mesmo tempo uma pertinência social e participam de uma certa “cultura”. (Calvet (2002, p. 114))

O Núcleo Rural de Nova Betânia, objeto desse estudo é, sem dúvida, um exemplo de comunidade de fala e de contato de povos diferentes com seus respectivos dialetos. Esses povos vieram das diversas partes do Brasil (Goiás, Minas, Bahia e Distrito Federal) em busca de um pedaço de terra para viver dele e nele.

Muito antiga, essa comunidade foi formada desde os tempos da escravidão, na região há muitas fazendas que cultivavam o trabalho escravo e muitas pessoas da região são descendentes dessas pessoas que foram escravizadas. A comunidade é muito grande e quase todos se conhecem ou tem algum grau de parentesco. A região se formou através de fazendas que foram sendo desmembradas e loteadas e por terras abandonadas que foram sendo ocupadas, atualmente existem na comunidade alguns condomínios, chácaras e fazendas particulares.

Se a língua é falada por seres humanos que vivem em sociedades, se esses seres humanos e essas sociedades são sempre, em qualquer lugar e em qualquer época, heterogêneos, diversificados, instáveis, sujeitos a conflitos e a transformações, o estranho, o paradoxal, o impensável seria justamente que as línguas permanecessem estáveis e homogêneas! (Bagno, 2007, p. 37).

As variações são o reconhecimento da pluralidade e da interação entre diversos grupos e culturas. A norma-padrão é um modelo criado para tentar neutralizar as variações da língua a fim alcançar um padrão.

A sociedade é formada por pessoas com culturas, costumes, trajetórias e identidades diferentes, é inconcebível exigir que os indivíduos inseridos em diversas culturas falem da mesma maneira. Vale salientar que as variações não ocorrem somente em grupos ou comunidades, ela acontece também individualmente, ou seja, um falante pode variar o seu modo de falar de forma singular, não existe um falante com estilo único, a maneira de falar varia de acordo com a situação independente do seu grau de instrução, idade ou classe social.

CAPÍTULO 2. MÉTODOS E MATERIAL

Esta sessão do projeto descreve a metodologia adotada, apresentando a caracterização da pesquisa, contexto, população e os instrumentos utilizados para coletar os dados.

2.1. Caracterização da pesquisa

Esta pesquisa faz parte da abordagem qualitativa amplamente inspirada nas ciências humanas, das quais a (sócio)linguística também emprestou quase todas as suas técnicas. Na (sócio)linguística, a abordagem qualitativa ocupa um lugar central nos campos da etnografia da comunicação e da sociolinguística interacional, que são dedicadas ao estudo das relações entre linguagem, sociedade, cultura, discurso e comunicação. Assim, segundo Markoni e Lakatos (2011, p. 269):

A metodologia qualitativa preocupa-se em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano. Fornece análise mais detalhada sobre as investigações, hábitos atitudes, tendências de comportamento etc. (MARKONI e LAKATOS, 2011, p. 269)

Inspirada na experiência de vida cotidiana e no senso comum que tenta sistematizar, acreditamos que nessa pesquisa, a abordagem qualitativa permita analisar melhor os processos de ensino e aprendizagem do português; por envolver uma relação mais pessoal entre o pesquisador e a fonte da pesquisa.

Para a realização desse trabalho, recorreremos além da qualitativa à pesquisa etnográfica que, segundo Gil (2010, p. 40),

tem a origem na antropologia, sendo utilizada tradicionalmente para a descrição dos elementos de uma cultura específica, tais como comportamentos, crenças e valores, baseada em informações coletadas mediante trabalho de campo. Foi utilizada originalmente para descrições das sociedades sem escrita, seu uso, no entanto, foi se difundindo e nos dias atuais é utilizada também no estudo de organizações e sociedades complexas. Assim o uso das pesquisas etnográficas vem se tornando cada vez mais constante em campos como os da educação, da saúde coletiva e da administração.

De acordo com o autor, a pesquisa etnográfica tem a finalidade de investigar os indivíduos no seu ambiente. Para isso, utilizam-se de entrevistas e da observação participante, inclinada a desvendar as múltiplas manifestações que existem em uma comunidade. É o tipo de pesquisa mais indicada para se obter informações comportamentais de um grupo, além de aproximar o pesquisador da comunidade estudada. O observador/pesquisador poderá realizar um trabalho de campo voltado para o estudo da cultura de uma comunidade como um todo ou de um pequeno grupo. Nesse caso, a pesquisa está focada em analisar o pequeno grupo de foliões dentro da comunidade X- Maria.

A etnografia é uma forma de compreender uma sociedade ou comunidade, através de uma observação próxima, se comunicando e se inteirando das ações dessa comunidade. Para Laplantine (2004, p. 22), *“O etnógrafo deve ser capaz de viver no seu íntimo a tendência principal da cultura que está estudando”*. O autor usa como exemplo para essa citação uma comunidade religiosa. Segundo ele, um historiador narraria uma reza, mas o etnólogo rezaria com a comunidade, no intuito de vivenciar as emoções e crenças do grupo pesquisado, para só assim então descrevê-las.

2.2. Contexto da pesquisa

A pesquisa será realizada na comunidade X-Maria. Assim, descreveremos o Núcleo Rural de Nova Betânia e dentro dele a pequena comunidade de X- Maria, para averiguar o seu contexto histórico, social e econômico.

Localizado na BR 251, Km 38 na Rodovia Brasília/Unaí, o Núcleo Rural de Nova Betânia faz parte de São Sebastião – DF, região administrativa do Distrito Federal. A ocupação dessa área se deu a partir de 1957, quando várias olarias se instalaram na região com o objetivo de suprir a demanda de materiais para a construção de Brasília.

As terras ocupadas pelas olarias eram arrendadas pela Fundação Zoobotânica do Distrito Federal, com o encerramento dos contratos as olarias foram desativadas e o núcleo urbano foi se estruturando ao longo do córrego Mata Grande e Ribeirão Santo Antônio da Papuda, porém moradores mais antigos da região relatam que a área já era ocupada antes disso por fazendas remanescentes da época da escravidão. A região passou a ser área administrativa do Distrito Federal em junho de 1993, nessa época ainda conhecida como Agrovila São Sebastião.

O Núcleo Rural de Nova Betânia existe antes mesmo da construção de Brasília, a Fazenda Santa Bárbara de propriedade de Diogo Machado deu origem a Comunidade Nova Betânia, o então proprietário dividiu partes de suas terras e vendeu aos funcionários de sua fazenda por um preço simbólico, assim foi se formando a comunidade.

Nas décadas de 40, 50 e 60, a situação dos moradores era muito precária, toda a provisão era resultado do trabalho dos moradores da comunidade. As casas eram feitas de adobe com piso de chão batido e cobertas com folhas de palmeira. Os alimentos eram retirados do plantio e da criação de animais, as roupas usadas por eles eram feitas do algodão plantado por eles mesmos. Os problemas de saúde eram tratados com remédios caseiros ou nas cidades mais próximas, como Planaltina que ficava a 42 Km, ou em Luziânia que ficava a 51 Km. O percurso era feito a pé ou a cavalo.

A comunidade era conhecida como Colônia Agrícola Nova Betânia. A pedido de um antigo morador da região, o Sr. Anísio, o então proprietário das terras, Diogo Machado fez a doação de uma pequena porção de terra para a construção da primeira escola e de uma capela em 1968, ambas foram construídas com a ajuda de um mutirão dos moradores.

O nome Nova Betânia foi escolhido pela irmã Margarida, amiga do Sr. Anísio, que tomou conta da escola por muitos anos. Em 1972 a escola passou a ser administrada pela Fundação Educacional do Distrito Federal – FEDF. Na década de 90 a Igreja não renovou o convênio com a fundação, um novo prédio foi construído para comportar a grande quantidade de alunos em um terreno doado pela Fundação Zoobotânica do Distrito Federal – FZDF através do orçamento participativo da Associação dos Moradores de Nova Betânia. O Centro de Ensino Fundamental Nova Betânia hoje atende a Educação Infantil, Anos Iniciais, Anos Finais e Educação Especial.

Uma das parcelas de terra vendidas por Diogo Machado ficou conhecida como X- Maria. A comunidade surgiu em uma porção de terra que foi vendida ao dono do antigo Jumbo (Grupo Pão de Açúcar). As terras foram abandonadas e na década de 90, alguns moradores da região e dos arredores começaram a ocupar essas terras e a formar pequenas chácaras. De acordo com os moradores mais antigos a comunidade carrega o nome de X- Maria devido ao córrego que passa na região que tem esse mesmo nome.

A produção da região se ampliou e diversos produtos já tomam espaço na economia local, tais como: leite, gado de corte, granjas e hortaliças. Alguns moradores têm parceria com o Governo do Distrito Federal participando da Cooperativa – COPAS, fornecendo leite, matéria prima para a produção de iogurtes, queijos, manteigas e outros. Alguns moradores produzem diferentes hortaliças e vendem no CEASA, e nas quartas-feiras o Centro de Ensino Fundamental Nova Betânia abre as portas para que os pais moradores da região possam vender seus produtos para outros moradores da comunidade e arredores.

Toda a região possui pouca infraestrutura, alguns serviços públicos são oferecidos de forma precária, tais como: coleta de lixo, três vezes por semana em local definido ao lado da escola. Existe apenas um pequeno pedaço de pavimentação asfáltica na porta da escola. Não existem postos de saúde, os serviços telefônicos e internet são insatisfatórios, não há estações de tratamento de água e esgoto na região.

2.3. Origem da Folia

A Folia do Divino é uma manifestação cultural e religiosa de fiéis católicos que, através dos mais velhos, é passada para as gerações mais jovens e se caracteriza pela visita às casas dos fiéis, que recebem os foliões oferecendo-lhes pousada, comida, bebidas e festas.



Figura 1: Dona Helena à espera dos foliões (Chácara Panelão)

O Espírito Santo é a terceira pessoa da Santíssima Trindade (Pai, Filho e Espírito Santo). De acordo com Graça Veloso 2009, a Rainha Santa Isabel de Aragão esposa de Dom Diniz, sexto rei de Portugal, tinha muita fé e confiança no Divino, e

recorreu a ele fazendo um pedido para que houvesse paz entre seu filho e seu esposo, que guerreavam pelo trono. Tendo seu pedido atendido e pagando seu voto à santidade, como gratidão pela paz alcançada, a Rainha Santa Isabel instituiu a Festa do Divino nos primeiros anos do século XIV para cumprir sua promessa.

Motivado por questões econômicas, Portugal expandiu seus domínios e as comemorações se expandiram para suas possessões, incluindo o Brasil, a partir de 21 de abril de 1500, quando Pedro Álvares Cabral chegou em terras brasileiras. Embora não haja registros exatos a respeito da data e quem trouxe a festa do Divino para o Brasil, restam apenas suposições de que foram os portugueses devido à colonização. Adentrando ao Centro-Oeste, a tradição migrou para o interior em forma de folia e encontrou pouso em Santa Luzia, também conhecida por Santa Luzia das Marmeladas devido à produção do fruto marmelo, hoje Luziânia – Goiás. Segundo Graça Veloso (2009. p. 70):

Incorporada ao ciclo das festas de maio, em terras luzianas, a Festa do Divino tem seu início por volta de seis semanas depois da Páscoa, quando também é comemorada a Ressurreição de Cristo, e termina após as novenas, nove dias de penitência e preparação dos festejos.

A folia é uma tradição antiga no Núcleo Rural de Nova Betânia. Não se sabe ao certo há quantos anos a folia de Nova Betânia existe. Alguns moradores mais antigos acreditam que seja por volta de 100 anos. A folia da X- Maria surgiu há 16 anos a partir da ideia de uma das foliãs, e foi criada com o objetivo de atender a um maior número de fiéis devido ao tamanho da região de Betânia. Acredita-se que a folia de Nova Betânia se originou da Folia de Luziânia, pois muitos moradores antigos da região têm Luziânia como origem.

Na comunidade X- Maria, a folia acontecia inicialmente no mês de maio, depois passou a ser realizada no mês de agosto, e é conduzida por um grupo de fiéis ligados ao catolicismo devotos do Divino Espírito Santo. Durante a folia, homens e mulheres percorrem as casas da região rural de Nova Betânia, X- Maria, fazendas e chácaras particulares. O grupo de foliões da X- Maria é formado por moradores da comunidade, geralmente é acompanhado durante sua peregrinação por outras pessoas da região, como moradores de fazendas e chácaras e até mesmo por moradores da cidade que não perderam totalmente seu vínculo com o campo. O trajeto da folia é decidido no ano anterior, quando o fiel que desejar receber a folia ou que queira pagar uma

promessa oferece sua casa para o ano seguinte. O fiel que oferece sua casa é chamado pelos foliões de pouseiro ou festeiro. O grupo se organiza e se prepara com no mínimo seis meses de antecedência.

A “arvorada” é o primeiro dia da folia, quando a bandeira é erguida e os foliões pedem ao Espírito Santo a benção para o giro da folia. Os foliões alvoram, jantam, dormem e tomam café da manhã na casa em que a bandeira foi alvorada, dali eles partem em peregrinação pelas casas dos fiéis. As visitas podem acontecer em dois momentos: noite ou dia. O primeiro momento, conhecido como pouso, acontece à noite. Em ambos os momentos antes de chegarem até as casas, os foliões soltam fogos para anunciar sua chegada. Os festeiros também soltam fogos para dizer que estão prontos para recebê-los.



Figura 2: A bandeira

Antigamente as visitas dos foliões nessa região aconteciam a cavalo, mas atualmente elas acontecem de carro, pela maioria dos integrantes já serem de idade e por não haver muitos jovens no grupo, ou que se interessem por fazer parte da tradição. O grupo deixa os carros mais distante e se aproxima da casa a pé. A bandeira vai na frente, enfeitada com fitas coloridas, seguida pelo caixeiro que ressoa o tambor conhecido como caixa, atrás vem o resto do grupo. Os donos da casa recebem a bandeira vermelha com a insígnia representativa da pomba branca do Divino, com os seus 7 dons: sabedoria, inteligência, conselho, fortaleza, ciência, piedade e temor a Deus.

A bandeira é o símbolo maior da folia e para cada folia existe apenas uma bandeira. A chegada e a entrega da bandeira simbolizam a aceitação da visita do Divino Espírito Santo. Os festeiros montam um cruzeiro na frente da casa que significa

a Cruz de Cristo. É nele que se inicia o ritual de um pouso de folia. Os foliões cantam o nascimento, vida, morte e ressurreição de Cristo.



Figura 3: Cruzeiro no CEF Nova Betânia

Na sala da casa é montado um altar enfeitado para receber a bandeira do Divino.



Figura 4: O altar



Figura 5: Foliões no altar



Figura 6: Altar da Folia no Centro de Ensino Fundamental de Nova Betânia.

Aqui acontece a saudação do altar, que significa louvar a divindade, os foliões cantam e reverenciam os ornamentos e as criações de Deus. Nesse momento as pessoas também podem fazer orações e agradecimentos. No pouso, os donos da casa podem oferecer somente um jantar, duas ou três refeições como: o jantar após a chegada, café da manhã e almoço. Antes e depois das refeições os foliões giram em torno da mesa tocando os instrumentos e cantando o bendito da mesa. No pouso os foliões dormem em barracas e se levantam muito cedo, girando em torno da casa rufando tambores para acordar a família.



Figura 7: Bendito da mesa



Figura 8: Mesa do jantar dos foliões no Centro de Ensino Fundamental Nova Betânia.

O trecho abaixo ilustra a fala do coordenador da folia:

Quando nois arvora uma bandêra do esprito santo, ce for pra nois durmir com a bandêra debaixo dum pau nois tem que durmir, se o esprito santo não nus abandona ne momento nenhum, quando nois arvorô a bandêra nois num pode abandona ela, nem deixa ela pra ir embora pra casa.

O segundo momento que acontece durante o dia é conhecido como visita ou giro. Nesse momento poderá ser servido tanto café da manhã ou almoço, dependendo do horário da chegada dos foliões e do tempo que ficarão na casa. Nesse momento acontece o mesmo ritual de saudação e oração. Em cada uma das visitas, seja giro, visita ou pouso acontece com muita fartura de comida, doces, quitandas e bebidas diversas. Os fiéis cantam, rezam, fazem leilões, bingos, dançam catira, forró e pedem esmolas para o grupo. Antigamente, os fundos arrecadados iam para a paróquia da região, mas, atualmente ficam para o próprio grupo como ajuda nos deslocamentos.



Figura 9: Catira

O último dia da folia é a “desarvorada”. Nesse dia os foliões pousam em uma casa e no outro dia após o almoço é feita a desalvorada da bandeira com os mesmos rituais da alvorada e das visitas. A duração do giro de folia dependerá da quantidade de casas que darão pouso aos foliões.

Em todas as refeições acontece o agradecimento do alimento, chamado Bendito da Mesa, um dos cantos que é passado de geração em geração. Nesse momento os foliões e os donos da casa (pouseiro/festeiro) agradecem ao alimento dado aos foliões e aos devotos em geral.

A despedida em todos os momentos é quando a bandeira deixa o local, agradecendo ao pouso ou visita. Os foliões agradecem desejando saúde para que no próximo ano os festeiros ofereçam a casa novamente. Os festeiros pegam a bandeira e rumo à porta de saída entregam-na aos foliões encerrando o pouso.

É importante registrar fatos importantes da folia, como cantos e uso de instrumentos que caracterizam a folia do Divino. Na folia da X- Maria, alguns instrumentos eram dos antepassados dos integrantes do grupo, como por exemplo a caixa, que foi feita pelo pai de um dos integrantes e os cambitos (baqueta) que eram de seu bisavô. De acordo com esse integrante, os cambitos têm por volta de 150 anos. A caixa é o principal instrumento da folia. Segundo os foliões, a folia pode girar somente com a caixa, mas sem ela a folia não acontece. Além da caixa, outros instrumentos são usados, como: viola, violão, pandeiro, violino e rabeca.

A maioria dos cantos da folia acontecem por inspiração. Os foliões acreditam que seja um dom ser folião e que são inspirados pelo Espírito Santo nos cantos. Antes

da folia é realizada a leitura de uma passagem bíblica, que inspira a maioria dos cantos de improviso. Os foliões chamam esses cantos de inspiração de Divindade. Apesar do pouco estudo, todos os foliões adquiriram de alguma forma algum conhecimento da Bíblia. É dela que são tiradas as palavras dos cantos, geralmente rimadas: um fala e o outro repete ou um fala e o outro responde. Os cantos também são inspirados pelos fatos que estão acontecendo e pelo que os foliões estão vendo no momento. Outros cantos são aprendidos pelos foliões com os antepassados como, por exemplo, a Ladainha, Salve Rainha, mãe de Deus do céu.

A cultura da folia tem sido preservada pelas escolas da região. Há alguns anos o Centro de Ensino Fundamental de Nova Betânia oferece pouso aos foliões. A escola organiza murais temáticos que informam os significados dos momentos e símbolos da folia para que os alunos tenham o primeiro contato com a cultura e a história da tradicional festa da região. Depois, os alunos participam do ritual da folia na escola e podem vivenciar o momento cultural.

2.4. População

A comunidade X- Maria possui uma população diversificada, a grande maioria são descendentes de pessoas escravizadas que viviam nas antigas fazendas da região, outros vieram de cidades do Distrito Federal, Goiás e interior da Bahia. Essa comunidade é formada na grande maioria por pessoas humildes, que tiveram pouca ou nenhuma oportunidade de estudo e crescimento financeiro.

Hoje rodeada por grandes fazendas e condomínios luxuosos, famílias humildes ainda vivem da produção da roça, criação de animais para venderem nas cidades vizinhas ou trabalhando nas cidades próximas. No que diz respeito a crenças, a comunidade na maioria se divide entre católicos e evangélicos e uma minoria frequenta terreiros de candomblé. O festejo mais conhecido é a folia do Divino Espírito Santo, também é tradição a realização de terços, novenas e festas juninas nas casas da comunidade.

Para Marconi e Lakatos (2003), o universo ou população é o conjunto de pessoas a serem pesquisadas. Em outras palavras, a população se refere aos sujeitos da pesquisa que forneceram os dados para a realização da pesquisa. Esse estudo selecionou um pequeno grupo de homens e mulheres líderes da Folia X-Maria. Por ser um Trabalho de Conclusão de Curso de graduação, que não deve ser muito

extenso, resolvemos trabalhar com uma amostra de cinco sujeitos da pesquisa. Para manter o anonimato desses sujeitos, usamos as expressões “entrevistado A, B, C, D e E”. O entrevistado A, de sexo masculino, 66 anos de idade, nascido em Formosa-GO, reside em Nova Betânia desde os 12 anos de idade e na comunidade X-Maria desde 2003. Estudou até o 2º ano do ensino fundamental. O entrevistado B, de sexo masculino, 88 anos de idade, nascido em Luziânia-Go, reside no Núcleo Rural de Nova Betânia desde 2006, embora estivesse sempre na região antes desta data participando dos festejos. É importante ressaltar que esse entrevistado não teve acesso aos estudos. Quanto à entrevistada C, de sexo feminino, 58 anos de idade, nascida em Luziânia-GO e criada no Jardim ABC (área rural próxima a Nova Betânia), ela reside em Nova Betânia desde a adolescência, estudou até o 4º ano do ensino fundamental. O entrevistado D, de sexo masculino, 67 anos de idade, estudou até o 2º ano do ensino fundamental. Nascido em Presidente Olegário-MG, reside em Nova Betânia desde os 14 anos de idade. Já o entrevistado E, de sexo feminino, 61 anos de idade, nascida em Luziânia-GO, reside em Nova Betânia desde a infância e na comunidade X- Maria desde 2003.

2.5. Instrumentos de coleta dos dados

A pesquisa foi realizada utilizando como instrumentos entrevistas, além da observação participante durante os giros de folia. Com relação ao conteúdo das entrevistas, tentamos coletar dados sobre os participantes, seu conhecimento sobre a folia. Segundo Martins Jr (2013), as entrevistas são destinadas a conhecer a opinião de uma população a respeito de um determinado fenômeno. Permitem obter o dado na hora, com maior precisão na verificação de erros de interpretação. Assim, a entrevista é um ato de fala que lida com material verbal.

De tipo semiestruturado, a entrevista dá maior liberdade de expressão para os entrevistados diante de um determinado assunto.

Na entrevista semiestruturada, o pesquisador organiza um conjunto de questões (roteiro) sobre o tema que está sendo estudado, mas permite, e às vezes até incentiva, que o entrevistado fale livremente sobre assuntos que vão surgindo como desdobramentos do tema principal. (GERHARDT e SILVEIRA, 2009, p. 72)

Baseando-se no interacionismo, trata-se de “escolher a interação verbal em vez de tentar - sem sucesso – contorná-la”. Assim, ao total, foram realizadas 5 entrevistas de 15 a 30 minutos cada. Foi usado um aparelho celular para gravar as informações em audiovisual, no intuito de não ter que anotar tudo o que disse o entrevistado, e para prestar mais atenção no que ele está dizendo, citar corretamente os informantes e evitar conversas paralelas.

“Presenciar / vivenciar” ou “estar fisicamente presente”, são as práticas da observação que, antes de tudo, é mais uma “prática social do que um método científico”. Segundo Somekh e Lewin (2015, p. 183):

A observação é um dos métodos mais importantes de coleta de dados. Ela implica estar presente em uma situação e registrar as impressões causadas pelo que acontece. O principal instrumento de pesquisa é o eu, que colhe conscientemente dados mediante a visão, o ouvido, o gosto, o cheiro e o toque. Valendo-se de diversos meios de armazenamento, o observador guarda essas impressões para examiná-las minuciosamente e analisá-las depois do acontecimento.

O objetivo principal das observações é saber a opinião dos sujeitos sobre os festejos. Elas foram realizadas sem que as pessoas estejam prestando atenção ao fato de que estavam sendo observadas, ou seja, no improviso, nem sempre acompanhadas por anotações. No entanto, o fato de observar me deu uma compreensão da situação sociocultural e sociolinguística da região, que eu nunca teria conhecido sem ir “vivenciar os fatos *in loco*”.

Comum em etnologia, sociologia interacional, etnografia da comunicação e antropologia linguística, recorreremos à observação participante que constitui, sem dúvida, um dos melhores meios de observar fenômenos sociais, no sentido em que o pesquisador “mistura-se à multidão”, observa o que muitas vezes acontece sem o conhecimento daqueles que são objeto de sua observação. A esse respeito, Martins Júnior (2013, p. 129) ressalta que:

A observação assume geralmente a forma de observação participante, que se caracteriza pelo contato direto do pesquisador com o fenômeno estudado, com a finalidade de obter informações acerca da realidade vivenciada pelas pessoas em seus próprios contextos. Tem, pois, como pré-requisito sua presença constante no campo, em convívio com os informantes durante algum tempo. Trata-se, portanto, de um processo longo.

As entrevistas e observação participante nos permitiram observar e conhecer melhor a folia. Iniciaram-se em março de 2019, durante o Tempo Comunidade, tiveram que ser interrompidas em março de 2020 devido às medidas de distanciamento tomadas para evitar a propagação da COVID-19 – *Corona Vírus Disease* (Doença do Coronavírus).

2.6. Procedimentos para a coleta dos dados

A coleta de dados foi realizada através de um questionário e conversas informais em forma de entrevistas, com alguns líderes do grupo de foliões, além da observação participante e gravações de áudio e vídeo realizados durante os giros de folia. As conversas e entrevistas ocorreram nas casas da comunidade que receberam os foliões durante o giro da folia.

O primeiro giro que acompanhei como pesquisadora aconteceu em março de 2019, quando apenas observei. A primeira conversa aconteceu informalmente durante um cantório em maio de 2019 na casa da minha avó Helena, nessa ocasião tive a oportunidade de conversar com alguns dos líderes sobre a tradição da Folia, cantos e rezas.

Em uma conversa descontraída, obtive algumas informações a respeito das funções dos foliões, cantos e instrumentos usados. Percebendo meu interesse fui convidada pelos foliões para acompanhá-los em outros pousos. Fiz algumas gravações de áudio e vídeo das rezas e cantos e conversei informalmente com foliões e devotos. Depois desses acompanhamentos fiz a primeira entrevista em julho de 2019 com um casal que faz parte dos líderes do grupo em sua casa na comunidade X- Maria.

A entrevista aconteceu por meio de um questionário e de uma conversa descontraída para que os entrevistados se sentissem à vontade. Entre um café e outro servidos pela dona da casa realizei as perguntas previstas no questionário, e de acordo com as respostas surgiam novas questões. A conversa foi gravada por áudio e dali surgiu o convite para acompanhar um cantório na casa de um devoto para pagar uma promessa, ali foi possível observar os foliões mais de perto e realizar novas gravações dos cantórios e rezas, pois alguns cantos mudam de acordo com a leitura previa que um dos foliões faz da Bíblia, a partir dessa leitura o folião que realizou a leitura puxa o canto improvisado e os demais foliões repetem.

Depois dessa primeira entrevista, acompanhei os foliões e participei das visitas em algumas casas durante os giros de folia, gravando e observando os foliões durante o ato devocional. Após as orações o dono da casa sempre oferece almoço ou jantar para os foliões, seguido de leilões de prendas oferecidas pelos fiéis, esse é um momento de descontração e alegria, onde pude conversar informalmente e entrevistar os outros integrantes do grupo.

CAPÍTULO 3. ANÁLISE E RESULTADOS

Este capítulo apresenta a análise dos dados coletados ao longo da pesquisa durante os giros da Folia do Divino da X- Maria. Ele tem como foco a análise das variações linguísticas presentes nos cantórios, onde ocorre uma mistura do português com o latim. Mas, antes da análise propriamente dita, será descrita a observação feita em campo de pesquisa e a análise do questionário aplicado aos sujeitos da pesquisa.

3.1. Alguns relatos do trabalho de campo

O ponto de partida dessa pesquisa é o grupo de foliões da comunidade X-Maria localizado no Núcleo Rural de Nova Betânia (São Sebastião-DF). O trabalho trata de um estudo da variação linguística na Folia do Divino Espírito Santo, o interesse por esse tema vem da minha vivência e da minha participação nos giros de folia desde criança, para esse estudo realizei o trabalho de campo durante minhas atividades de Tempo Comunidade.

Os dados da pesquisa foram coletados por meio de gravações de áudio, conversas informais, entrevistas, questionário e observação participante. Durante os giros de folia conduzido por homens e mulheres, em sítios, fazendas e casas da comunidade de Nova Betânia estive presente como pesquisadora e como fiel participante dos momentos de devoção. Durante os festejos dos giros de folia, realizei gravações, fiz anotações e tive conversas casuais com foliões e fiéis devotos do Divino Espírito Santo. Os primeiros acompanhamentos que fiz da folia com o objetivo da construção dessa pesquisa aconteceram em março de 2019, nesse primeiro momento estive na folia como devota do Divino Espírito Santo e como observadora. Em um cantório que aconteceu na chácara da minha avó conversei com os líderes da folia, nessa ocasião falei sobre minha pesquisa e admiração pelo festejo, eles então me autorizaram a fazer registros das folias e agendamos uma entrevista no sítio de um casal de foliões na comunidade X- Maria. Depois dessa conversa passei a participar do festejo não apenas como devota do Divino, mas também como pesquisadora. Muitas vezes um grupo pesquisado pode se sentir desconfortável com o pesquisador, no meu caso o meu acesso foi mais fácil devido a intimidade dos meus familiares com os foliões. Em julho de 2019 estive na casa do casal para realizar a entrevista, além

das perguntas que estavam previstas no questionário deixei-os à vontade para contar suas histórias e assim pude compreender melhor a tradição e a história do grupo religioso. Coloquei o celular para gravar e entre um café e outro a conversa foi fluindo, realizei as perguntas que estavam previstas no questionário e enquanto eles respondiam iam surgindo novas questões. A entrevista fluiu por mais de uma hora e as informações foram surgindo naturalmente. Durante a entrevista fui convidada para acompanhar um cantório que aconteceria na casa de um devoto do Divino Espírito Santo para pagar uma promessa. Nesse cantório realizei gravações de áudio das rezas e cantos, também conversei com foliões e fiéis e a partir daí acompanhei outros giros e cantórios onde pude fazer anotações e registros das rezas e rituais da folia para a análise posterior. O acompanhamento e convivência com o grupo de foliões me possibilitou entender a rotina dos giros e como os foliões se organizavam. Em todos os cantórios e giros em que participei realizei gravações e tive conversas informais com os integrantes que contribuíram para minha pesquisa. Todos os registros foram de grande riqueza para essa pesquisa. Depois das gravações pude ouvir com calma os áudios, fazer os registros escritos e a transcrição das rezas e cantos.

Com as medidas de distanciamento devido a pandemia da Covid-19 que iniciaram em março de 2020, os giros de folia foram interrompidos e a minha observação participante foi encerrada. A partir daí, continuei o desenvolvimento do trabalho com o material que eu já tinha produzido. Durante o período de distanciamento social mantive contato com os foliões apenas por ligações e áudios de WhatsApp, foi por esses meios que pude tirar dúvidas referente ao material que já havia produzido.

3.2. Análise do questionário

Na primeira pergunta do questionário feita (Qual a sua naturalidade?), todos os entrevistados responderam ter uma origem camponesa. Os seus pais viviam e foram criados na área rural. A maioria é do estado de Goiás e alguns do Distrito Federal e Minas Gerais. Embora alguns tenham morado por algum tempo na cidade, atualmente todos residem na área rural de São Sebastião-DF.

A necessidade de falar sobre a origem dos foliões se dá devido à identidade cultural de uma comunidade ou região. Segundo John Lyons (1987, p. 7) “a cultura

pode ser descrita como conhecimento adquirido socialmente: isto é, como o conhecimento que uma pessoa tem em virtude de ser membro de uma determinada sociedade”. Para Lyons (1987), a língua é transmitida culturalmente em virtude de o indivíduo ser membro de uma sociedade, assim como outros tipos de conhecimento, como por exemplo as crenças religiosas.

A folia do Divino Espírito Santo é uma cultura tradicionalmente rural que se expande para áreas urbanas. Podemos identificar os traços da identidade rural na vestimenta dos foliões que remete à imagem típica do homem do campo, tais como: chapéu, bota, fivela no cinto, bainha de canivete e camisa xadrez. O modo caipira está no jeito de ser dos foliões, que mesmo morando na cidade têm suas raízes no campo e compartilham da mesma cultura. De acordo com Antunes (2009, p.19), “O povo tem uma identidade, que resulta dos traços manifestados em sua cultura, a qual, por sua vez, se forja e se expressa pela mediação das linguagens, sobretudo da linguagem verbal”. Nesse sentido, a língua deixa de ser apenas um conjunto de regras e se torna uma prática de interação entre seus usuários, a cultura é expressada através de símbolos, a linguagem é essencial e refletida pela cultura.

Em conformidade com a segunda pergunta do questionário (Na sua família já existia a tradição da Folia?), todos os entrevistados responderam que sim. Um dos entrevistados relata que seu avô materno já era guia de folia e tocava viola, já seu avô paterno era caixeiro e herdou dele os cambitos que têm em torno de 150 anos, já a caixa foi herança de seu pai.

“Nois envém acumpanhanu a fulia desde criança, nois tem no sangue a raiz da folia e a herança da divindade, da inspiração do Espírito Santu. Graças a Deus nois tem o dom de ser fullião”.

Todos os outros entrevistados já acompanhavam a folia com seus pais e avós. Alguns disseram que quando eram jovens não se interessavam, que iam pela festa e que chegaram a ficar algum tempo afastados. Mas com mais maturidade, começaram a se interessar pela cultura para manter a tradição. Todos os entrevistados demonstraram a mesma preocupação pelos jovens não se interessarem pela cultura e temem que ela se perca por não ter para quem passar o aprendizado que tiveram com seus antepassados.

É importante que haja interesse dos mais jovens pela cultura, para poder manter os costumes e a tradição e para dar continuidade ao festejo da Folia do Divino

Espírito Santo. A memória dos mais velhos é uma ferramenta fundamental para a preservação dessa cultura e da tradição. Como a transmissão do conhecimento da folia é feita de forma oral e pela observação, se a juventude não tiver interesse em aprender com os mais velhos, essa prática cultural centenária irá se perder. Para isso, em uma pesquisa futura, acreditamos envolver os jovens por meio de entrevista e a aplicação de um questionário, para ter uma ideia sobre o envolvimento ou não deles na tradição dos giros de folia.

Assim como a geração de foliões entrevistados aprendeu os ritos da folia reproduzindo ou imitando o que ouvia dos seus antepassados, a nova geração precisa acompanhar os foliões em todos os processos para aprender e dar continuidade à tradição. Os foliões mais velhos têm a função de conduzir os mais jovens, eles trazem histórias antigas, rezas, cantos e ladainhas que estão registradas apenas em suas memórias. Assim, as transmissões orais constituem a memória coletiva da comunidade.

A terceira pergunta (Como surgiu o grupo de foliões da X- Maria?) foi direcionada ao folião mais velho do grupo, que deu a seguinte resposta:

“Eu acompanho a folia desde que era criança, lá junto dos meus pais, aí fiquei um tempo afastado quando era jovem, depois eu voltei. Aí foi quando eu profundei mesmo na divindade”.

De acordo com o entrevistado, a folia sempre fez parte da sua vida. Desde criança, ele acompanhou seus pais e avós durante os festejos, embora na sua juventude ele tenha ficado um tempo afastado, ele acabou voltando para a folia e se aprofundando no conhecimento bíblico e na cultura da folia. A folia de Nova Betânia é muito antiga, estima-se que tenha mais de cem anos. Porém, devido à grande extensão da região e ao desejo dos foliões de atender todos os fiéis do Divino Espírito Santo, foi criado um segundo grupo de folia para poder atender toda a região. Há 17 anos foi formado o grupo de foliões da X- Maria, a partir do desejo de atender a todos que queriam receber o divino em suas casas durante os giros de folia.

Relacionado à quarta pergunta (Como você aprendeu os cantos e rezas?), todos os entrevistados responderam ter aprendido de forma oral e pela observação dos mais velhos, como ressalta o entrevistado A:

“Foi escutano e rezanu que eu aprendi! O que eu canto da divindade é conhecimento que eu tive da bíblia, meu estudo é fraco, mais o Espírito Santu é forte e mi ilumina. Conhecenu a bíblia não me falta palavra pra trabáia na divindade”.

A grande maioria dos cantos e rezas da folia são passados oralmente de geração em geração. Quando o entrevistado A se refere à divindade, ele diz respeito aos momentos em que há uma oração cantada, para isso os foliões fazem uma leitura prévia da bíblia e a partir daí saem os versos do canto. Nesse momento sempre tem um guia, geralmente o folião mais velho do grupo que fala e os outros respondem ou repetem o que foi dito. A inspiração também pode vir de coisas que eles estão vendo como, por exemplo, a ornamentação ou o altar. A linguagem das rezas por meio de recitação e improvisação exige que haja uma comunicação e interação entre os foliões essenciais para que o ritual seja harmonioso.

As rezas contam uma história, são decoradas e guardadas na memória. Nas rezas, algumas expressões que são usadas estão em desuso do português brasileiro e não fazem parte do cotidiano, porém ainda são usadas em algumas situações especiais como a folia. Esses momentos estão repletos de arcaísmos linguísticos e de um linguajar típico do camponês que sofre menos influência externa. As comunidades rurais carregam traços de linguagem simples por estarem mais distantes e não acompanharem as transformações da língua e as transformações socioculturais como nas áreas urbanas. Em momentos especiais como nas rezas, algumas palavras da língua do passado são usadas como por exemplo: vus/ sejais/ orais/ vos/ ouxilio (auxílio)/ espírito (espírito)/ grória (glória)/ odvogada (advogada).

Os arcaísmos nas rezas são mantidos, pois esse ritual exige respeito e temor, ter uma linguagem que os foliões consideram formal é uma forma de respeito à divindade. Os foliões guardam na memória as recitações das rezas e ladainhas e mesclam um português rural com o latim. Podemos observar essa mistura no trecho da ladainha destacado abaixo.

Grória ao Pai é do filho, é do Espírito Santo;
 Se puder no princípio, é de nunca em sempre, é de secseclório, amém;
 Amado Jesus, José, Joaquim, Ana e Maria, eu vus dou o meu coração e alma
 minha;
 Assistimus com piedade na última agunia;
 Cristo escundido na hóstia em que ele estava, aleluia, aleluia, bendita sejai,
 aleluia, aleluia, bendita sejai;
 Cristo escundido na hóstia em que ele estava, no seu trono assentado, bendita
 sejais, no seu trono assentado, bendita sejais;
 Kirie eleizone, Cristo eleizone, Cristo eleizaudinos, miserere nobes;

Mater qui selhe em Deus, miserere nobes, filho redentor mãe de Deus,
 miserere nobes;
 Espirit Santi em Deus, mizerere nobes, santa triste, unus Deus, miserere
 nobes;
 Santa Maria, Santa Degenes, Santa Virgo viginus, orais por nois;
 Mater em Criste, Mater Divino é graça, Mater puríssima, orais por nois;
 Matem castíssima, matem violata, matem temaratas, orais por nois;
 Mater amabis, mater admirabis, mater em criatórios, orais por nois;
 Matem salvatório, virgo prodentíssima, virgo venerandas, orais por nois;
 Virgo o pé decanda, virguem opotem, virguem ocleme, orais por nois;
 Virgo ofidelis espelho da justiça, séde sapiência, orais por nois;
 Calla nobre estrela tricima, vós espiritoales, vós anorabelis, orais por nois;
 Vós disgna divocione roseira mística, torre da visticai, orais por nois;
 Torrezebunie, dorme ozária, sedi olizárca, orais por nois;
 Jai nu aceles estrela matutina, salve os enfermos, orais por nois;
 Refúgio oh precatório consolace nus afritório, ouxílio cristionórios, orais por
 nois;
 Regina angelorium, Regina patriaucari, Regina confessarias, orais por nois;
 Regina portelorium, Regina matre, Regina confessorius, orais por nois;
 Regina Virgem, Regina Santa aureuane, sacratíssima do meu rosário, orais por
 nois;
 Imaculata Conceicione, Divino Espírito Santo, ladainha vus ofereço, orais por
 nois;
 Aceitai senhor essa santa ladainha, ladainha de desarvorada, orai por nois;

Muitos dos foliões são iletrados e aprenderam oralmente com seus
 antepassados as rezas e cantos. Durante as conversas perguntei a alguns foliões o
 significado de palavras ditas em latim durante a ladainha, mas eles não sabiam
 responder. Disseram apenas que aprenderam com os mais velhos e que a ladainha é
 uma oração muito antiga, que veio de outro país. Acrescentaram que as palavras são
 de respeito e agradam a Deus. Os foliões imaginam o que são algumas dessas
 palavras, porque elas se parecem com palavras do português.

Temos a seguir alguns exemplos com base na seguinte ordem: como são
 cantadas, a escrita em latim e o que eles imaginam que signifiquem:

Afritório/ afflictorum/ aflitos;
 admirabis/ admirabilis/ admirável;
 enfermos/ infirmorum/ enfermos;
 orais por nois/ ora pro nobis/ ora por nós.

Não saber o significado das palavras e mesmo assim proferi-las com amor e
 devoção evidencia que para eles o importante é o respeito pela divindade.

De acordo com a resposta da quinta pergunta (Quantas casas são visitadas durante a folia e como são escolhidas?), os entrevistados ressaltaram que são os próprios fiéis que pedem o pouso. As pessoas pedem o pouso da folia de um ano para outro. É a partir desses pedidos que a próxima folia é planejada com antecedência para programar logística e quanto tempo irá durar o giro da folia. Geralmente são visitadas em média de 10 a 15 residências. Os pouseiros podem escolher servir um café da manhã, almoço, jantar ou um pouso completo com todas as refeições e pouso dos foliões. É costume que os pouseiros também ofereçam prendas para bingos e leilões que acontecem após a reza e a refeição oferecida. Os fundos arrecadados são usados nos custos na folia vindoura ou oferecido como esmola para a igreja da comunidade. Modas de viola, catira e dança encerram a visita dos foliões.

Em conformidade com a sexta pergunta (Como você vê o futuro da folia?), o líder da folia respondeu que se preocupa com a continuidade da tradição, pois não vê interesse nos jovens em aprender os cantos e rezas.

“Eu acho pouca a participação dos jovens, pois não vê interesse deles pra aprender as coisas. Eles vão mais pra festa que tem depois, muito pouco participa da reza e que aprende com nós. Por isso nós fazemos questão de ir pra escola, assim as vezes alguém interessa na folia e em aprender, nós precisa que eles tenham vontade e abram a mente pra aprender. Nós tem que ter alguém pra substituir nós quando nós for embora.”

Os foliões demonstraram preocupação na continuidade da tradição, pois a maioria já está com idade avançada e não há grande participação dos jovens. De acordo com o líder da folia os jovens precisariam acompanhar os giros para aprender os cantos e as orações. Ele ressalta ainda que de seus três filhos nenhum teve interesse em aprender; apenas um sobrinho se interessou e acompanha a folia. É preciso que o jovem se interesse em aprender, que tenha fé e que realize um estudo bíblico para ter conhecimento da palavra e para receber a inspiração divina.

Como a folia do Divino é uma tradição oral, faz-se necessário o interesse dos jovens para que haja continuidade na tradição e cultura da comunidade. Nesse sentido, o grupo de foliões da X- Maria tem trabalhado em parceria com o CEF Nova Betânia, umas das escolas da região, para divulgar a festa e chamar os jovens para acompanhar a folia. Para isso, sempre acontece um pouso na escola, que é aberta para toda a comunidade. Os foliões também participam de uma roda de conversa com os estudantes, que podem tirar dúvidas e fazer perguntas sobre a folia.

3.3 Análise sociolinguística de ladainhas

A ladainha de nossa senhora é um momento de invocação da mãe do criador. Durante a ladainha são feitos pedidos a nossa senhora. A própria palavra ladainha vem do grego e significa “súplica”. Existem várias ladainhas, porém a mais conhecida e mais usada nas novenas e procissões é a ladainha de nossa senhora ou ladainha Lauretana. O nome Lauretana é devido a origem da ladainha ser o Santuário de Loreto, na Itália, no século XIII. Ao longo do tempo, a ladainha se espalhou pelo mundo e é uma das preces marianas mais populares.

A ladainha sofre variações de acordo com a ocasião e intenção que é cantada. Na folia do Divino Espírito Santo é usada uma versão da ladainha Lauretana em latim. As orações iniciam no cruzeiro montado em frente da casa. Depois desse momento, os foliões seguem para o altar. Os cantos no altar sempre começam com o sinal da cruz: em nome do pai, do filho e do espírito santo, amém! Em seguida, faz-se um canto a partir de uma leitura prévia de uma passagem da bíblia ou de algo referente a uma promessa, se for o caso, seguida da ladainha de nossa senhora que é a parte principal da folia do Divino, finalizando com a salve rainha.

Na ladainha são usadas várias expressões latinas que não são usadas cotidiano dos foliões. Elas se limitam ao momento especial da ladainha durante os giros de folia. Muitas vezes, os foliões não sabem o significado das palavras que cantam durante a ladainha. Elas são aplicadas da forma que eles aprenderam com seus antepassados, mesmo não sabendo o significado da maioria das palavras cantadas em latim. Para eles o importante é que se trata de um momento de fé e adoração. A ladainha é cantada por meio de recitação, os homens falam e as mulheres respondem ou repetem. Uma parte é cantada em latim e outra em português, durante alguns momentos os foliões mesclam os dois códigos. Assim, nas linhas que seguem são analisadas palavras e/ou expressões para averiguar as variações linguísticas encontradas nessas festas.

Nas palavras ‘vus’ (vós), ‘agunia’ (agonia), ‘escundido’ (escondido), ‘Assistimus’ (Assistimos) e ‘dus’ (dos), tem-se uma assimilação que diz respeito a um processo fonológico em que a vogal /o/ média posterior fechada se realiza [u] (alta, posterior). Este processo assimilatório, também conhecido por harmonia vocálica (ou harmonização), consiste na adaptação de uma vogal ao timbre de outra. É a ação

assimilatória da vogal tônica sobre a pretônica. Isto é, a assimilação trata dos diferentes tipos de mudanças que um som pode sofrer quando influenciado por um som próximo. Os dados evidenciam que a vogal média fechada posterior [o] sofre o processo assimilatório, realizando-se, [u] alta, em que /o/ > /u/.

O mesmo fenômeno ocorre com a vogal média fechada, anterior [e], que se realiza [i] em posição átona, como em ‘as imagi (as imagem)’. Trata-se da variação diamésica que, segundo Bagno (2007) refere-se às modalidades linguística oral e escrita. Ela afeta todos os componentes da língua, em especial, a fonética. Pode se caracterizar como marcas de oralidades quando os fiéis de Nova Betânia proferem suas orações durante as folias.

Nas expressões ‘nessas oração’, (nessas orações), ‘pelas dor’ (pelas dores), ‘as imagi’ (as imagens), ‘nas estrela’ (nas estrelas) e ‘todas as coisa ruim’ (todas as coisas ruins), temos aí exemplos de variação sintática que afetam a concordância, em especial a nominal. Tais processos ocorrem muito no português brasileiro não padrão, onde as pessoas marcam a concordância apenas no primeiro elemento à esquerda, nesses casos, nos determinantes ‘nessas’, ‘pelas’, ‘as’, ‘nas’, ‘todas as’. Isto é, o falante de Nova Betânia, assim como a maioria dos brasileiros na prática de oralidade aplica a lei da economia ou de menor esforço.

Em alguns momentos as pessoas tendem a evitar as palavras longas encurtando-as, como é o caso de ‘digitório’ que vem de ‘adjutório’. Esse caso refere-se a uma aférese, um processo fonológico que consiste na queda de um fonema inicial ou na supressão da parte inicial de uma ou mais sílabas de uma palavra. Acreditamos que a ocorrência desse processo consiste em, não somente evitar palavras polissilábicas, mas também uma tendência natural e universal dos falantes e das línguas recorrerem à estrutura silábica do tipo consoante + vogal (CV) preferida pelos falantes. Assim, a estrutura da palavra ‘adjutório’ passa a ser ‘digitório’.

Embora a igreja tenha passado por inovações, muitos arcaísmos linguísticos ainda estão presentes nos momentos de orações. Com as mudanças da língua portuguesa algumas expressões desapareceram e outras aparecem apenas em situações especiais, como é o caso das rezas e cantórios da Folia do Divino. É comum que os foliões façam uso de palavras antigas nesses momentos, e um dos motivos de manter palavras em desuso é o respeito a divindade. Por exemplo, a palavra ‘vus’ (vos) na frase ‘Deus vus salve, Maria filha de Deus pai’ refere-se à Virgem Maria. A frase parece um período, sendo a primeira oração ‘Deus vus salve’ e a segunda ‘Maria

filha de Deus pai'. Na primeira oração o verbo é salvar, já na segunda não tem verbo, mas podemos deduzir que o verbo seria 'ser' para dizer que Maria é filha de Deus. Levando em consideração o aspecto diacrônico da língua, podemos acreditar que a expressão 'filha de Deus pai' se trata de um caso vocativo do latim, que indica a pessoa a quem nos dirigimos. Essa construção sintática tem a ver com a história da religião católica, além da língua portuguesa ser uma língua filha da língua latina.

'Sejai' é o verbo 'ser' conjugado na segunda pessoa do plural do presente do subjuntivo, 'vós sejais'. Ao proferir seus cantórios, os fiéis acabam apagando alguns elementos das palavras, como se vê na palavra 'sejai' em que houve o apagamento da consoante 's'. Esse tipo de processo fonológico chamado apócope consiste na queda de um ou mais fonemas ou sílabas no fim de uma palavra.

A maioria dos foliões da X- Maria são iletrados ou têm pouco estudo. Todo o conhecimento da folia, as orações e cantos foram passados de geração para geração. Essa situação acaba interferindo em sua linguagem como, por exemplo, na palavra 'grória' (glória), em que houve a troca de 'l' por 'r'. É uma característica da linguagem rural e de pessoas com pouca escolaridade. Esse processo é conhecido como rotacismo, quando as letras 'L' e 'R' estão na posição de segunda consoante de encontro consonantal são submetidas conjuntamente a diferentes processos fonológicos. Nesse caso a letra 'L' do encontro consonantal 'GL' de 'glória' foi substituída pela letra 'R' se transformando em 'GR'. Existem evidências históricas que comprovam esses processos. Elas remontam do latim vulgar para o português, exemplos: igreja < ecclesia, brando < blandus, rosto < rostru, pregar < plicare. Além disso, é importante ressaltar que a possibilidade de troca de 'l' por 'r' ou *vice-versa* se explica pelo fato de as duas consoantes serem todas líquidas e alveolares.

Na palavra 'aprecioso' de 'precioso' houve o acréscimo de um fonema no início da palavra, isto é, a vogal 'a' foi acrescentada no início da palavra precioso. Trata-se de um processo fonológico chamado de prótese. As formas protéticas denotam uma linguagem popular, como podemos ver em mostrar > amostrar, levantar > alevantar, lembrar > alembrar etc.

Um processo contrário à prótese é parógoge, como ilustra a palavra 'senhori' de 'senhor'. Ele consiste no acréscimo de um segmento em final de palavra evitando, acredita-se, a estrutura silábica complexa (consoante + vogal + consoante) da segunda sílaba da palavra 'se.nhor'.

Em ‘vóis’ de ‘vós’ e ‘nóis’ de ‘nós’ temos a ditongação, um processo fonológico que consiste na quebra da vogal criando um ditongo. Em outras palavras, é a inserção de uma semivogal resultando na criação de um ditongo, nesse caso, decrescente. É um processo muito comum na língua não padrão, principalmente em falantes de área rural ou com pouco estudo.

Na frase ‘foi a guerra que veve (vive) matando o povo’, a palavra ‘veve’ do verbo ‘viver’ está na terceira pessoa do singular do presente do indicativo. Mas houve uma repetição da vogal ‘e’ na primeira sílaba da palavra, resultando em ‘ele/ela veve’. Esses tipos de estruturas fonológicas são comuns na língua falada, principalmente em áreas rurais e em pessoas com pouco estudo. Trata-se de da harmonia vocálica ou harmonização, que consiste na adaptação de uma vogal ao timbre de outra. Como uma disposição foneticamente agradável das palavras, a harmonização é também a ação assimilatória da vogal tônica sobre a pretônica como, por exemplo: menino > minino, vestido > vistido.

Em ‘famia’ de ‘família’, temos o apagamento de ‘li’ que corresponde ao som do dígrafo ‘lh’. Trata-se do processo de semivocalização em que o ‘li’ ou ‘lh’ se realiza ‘i’ semivogal. Segundo Bortoni-Ricardo (2004), essa é uma característica típica da linguagem falada em áreas rurais ou por pessoas com pouco estudo.

Nas palavras ‘Kirie Eleizone’ (Kyrie Eleison) e ‘Cristo Eleizone’ (Christe Eleison) ocorre a substituição da palavra Christe do latim por Cristo em português. Além disso, temos o processo fonológico paragoge, que consiste na adição de um fonema no fim da palavra.

A presença de palavras latinas (na íntegra ou aportuguesadas) na ladainha é prova de que as duas línguas têm algo em comum, pois, o português é uma língua filha do latim. Assim, as palavras latinas na ladainha não deixam de ser classificadas com um tipo de estrangeirismo, um processo linguístico que consiste no emprego de palavras e expressões de outras línguas. Esse processo é comum quando há assimilação de cultura ou devido à proximidade geográfica de regiões com línguas diferentes. Pode acontecer o uso da palavra latina sem nenhuma alteração, “aportuguesando” a palavra estrangeira por meio da adaptação da grafia e da pronúncia das palavras para o português, como é o caso da substituição de “Chiste” para Cristo, mantendo a segunda palavra em latim “Eleison/Eleizone”.

CONCLUSÃO

A partir desta pesquisa conseguimos identificar alguns fatores que influenciam na língua falada durante os giros de Folia do Divino do grupo de foliões da X- Maria. Entre esses fatores estão a identidade cultural dos foliões, todos são da área rural. Devido ao campo sofrer menos influência das alterações da língua, os traços dessa cultura refletem na linguagem verbal.

Em relação aos cantos e rezas, seu aprendizado se deu através da oralidade; isto é, a cultura da folia foi passada de geração em geração. Os integrantes do grupo de folia participam desse momento desde crianças e foi acompanhando pais e familiares que aprenderam os rituais da folia.

Durante a pesquisa, identificamos a preocupação dos foliões a respeito da continuação da folia. Por ser uma tradição oral, passada de geração em geração e por ter pouco interesse dos jovens em aprender os rituais, cantos e rezas, existe uma grande preocupação com a continuação da cultura.

Os arcaísmos linguísticos estão presentes nos cantos e rezas devido aos foliões considerarem essa linguagem como uma forma de respeito, amor e devoção a divindade. Os foliões aprenderam os cantos e rezas, que são uma mistura de português e latim com seus antepassados, da forma como eles ouviam-nos cantando. Durante a oração eles mesclam palavras do latim com o português rural. É natural ainda que a próxima geração de foliões pronuncie as mesmas palavras em latim de forma diferente, pois eles não falam essa língua, apenas aprenderam algumas palavras ouvindo dos antepassados. O que ocorre durante o aprendizado é como na brincadeira do “telefone sem fio”, a pessoa ouve, e repete conforme entendeu e passa adiante; é um processo natural que pode sofrer mudanças nas pronúncias futuras.

Percebemos ainda que outros fatores que influenciam na fala dos foliões, dizem respeito à herança da fala menos monitorada de seus familiares por falta de conhecimento da língua portuguesa padrão. Como exemplo de variações temos processos de adaptação e acréscimo de vogais, troca de consoantes, supressão de sílabas em algumas palavras e apagamento de dígrafos. Esses processos linguísticos que consistem em alterar a palavra ou parte dela são muito comuns na linguagem rural.

Esse estudo é importante para mostrar que os indivíduos que falam a mesma língua têm formas diferentes de usá-la. A variação linguística é um elemento que

representa a identidade de um grupo ou uma comunidade. É importante estudar as variações linguísticas presentes no grupo de foliões da X- Maria, pois elas representam a manifestação cultural da Folia do Divino e carregam a história desse grupo. É essencial compreender os fatores que influenciam nas variações da língua para entendermos que eles fazem parte da identidade de um grupo e para romper com o preconceito linguístico.

Espero com esse trabalho aprofundar no conteúdo e escrever um pequeno livro como forma de resgatar e registrar as memórias e as peculiaridades da Folia do Divino local. O resgate das memórias será importante para a preservação da cultura, em especial para mim, por fazer parte da minha história e dos meus avós que sempre participaram da folia de nossa comunidade. A folia tem um significado especial para mim e minha família, todos nós somos devotos do Divino Espírito Santo. Meu avô faleceu em 2007 segurando a bandeira do Divino, entendemos que era um pedido de continuar a tradição. Minha avó fez questão de dar um pouso fora de época pouco antes de perder a vida para a Covid-19. Manter a memória deles e da folia é tão importante para mim quanto para a comunidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAGNO, Marcos. *Nada na Língua é por Acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola Editorial – 2007.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Manual de sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2014.
- BRIDGET, Somekh. LEWIN, Cathy (Orgs). *Teoria e Métodos de pesquisa social*. Petrópolis. RJ: Vozes, 2015.
- CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Trad. Marcos Marcionilo. — São Paulo: Parábola, 2002. 176p., 18cm ISBN: 85-88456-05.
- CHOMSKY, Noam. Syntactic structures. The Hague: Mouton, 1957. (Janua Linguarum Series Minor, vol. 4).
- GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. *Métodos de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projeto de pesquisa?* 5ª ed. São Paulo, 2010.
- GNERRE, Maurizio. *Linguagem, escrita e poder*. 3ª edição brasileira. Livraria Martins Fontes Editora Ltda. São Paulo, 1991.
- ABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- LADAINHA de Nossa Senhora. Disponível em: <https://argbrasil.com.br/a-ladainha-de-nossa-senhora/> acesso em:12 de maio 2022.
- LAPLANTINE, François. *A Descrição Etnográfica*. São Paulo: Terceira Margem,2004.
- LYONS, John. *Linguagem e linguística: uma introdução*. Tradução Maria W. Averbug e Clarisse S. de Sousa. Rio de Janeiro: LTC. 1987.
- MARKONI, Marina de Andrade e LAKATOS, Eva Maria. *Metodologia Científica*. 6ª Ed. – São Paulo: Atlas, 2011.
- MARTINS Jr., Joaquim. *Como escrever trabalhos de conclusão de curso*. 7. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.
- PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO. Centro de Ensino Fundamental Nova Betânia, São Sebastião, 2018.
- SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2004 [1916].
- TRASK, R. L. *Dicionário de linguagem e linguística*. Trad. Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004.

ANEXO

Questionário

1. Qual a sua naturalidade?
2. Na sua família já existia a tradição da Folia?
3. Como surgiu o grupo de foliões da X- Maria?
4. Como você aprendeu os cantos e rezas?
5. Quantas casas são visitadas durante o giro de folia e como são escolhidas?
6. Como você vê o futuro da folia?